

UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DOS PRONOMES PESSOAIS: DA NORMA AO USO

Dayane Endo Lopes (PIC/Uem), Maria Rita da Costa Francisco (PIC/ Uem), Juliano Desiderato Antonio (Orientador),
e-mail: ra102493@uem.br e ra103304@uem.br. Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes e Letras/Linguística

Palavras-chave: norma e uso, pronomes pessoais, variação linguística.

Resumo:

A Língua Portuguesa falada no Brasil é constituída por diversas variedades linguísticas. Apesar da existência das formas prescritas pela norma padrão, há a recorrente utilização de variantes pelos falantes nativos da língua. Deste modo, esta pesquisa aborda o tratamento dado por três tipos de gramáticas ao uso de pronomes pessoais e suas flexões, e a maneira como esses pronomes surgem nas falas de professores em contexto de entrevistas e aulas. Tal assunto foi escolhido por servir de base para que professores discutam com seus alunos a divergência entre os usos dos pronomes pessoais e a norma prescrita pelos manuais escolares de gramática. Esta pesquisa quantitativa tem como suporte a gramática escolar de Cegalla (2008); do filólogo Bechara (2002); e dos linguistas Castilho (2010) e Neves (2011). Utilizou-se o cópuz de língua falada do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná como base para a análise do uso de pronomes e suas flexões. Os resultados encontrados permitiram que o objetivo desta pesquisa fosse cumprido, a realização de um estudo contrastivo entre a norma e o uso dos pronomes pessoais. Por fim, conclui-se que a língua está em constante mudança, que cabe aos manuais escolares de gramática descrever o que realmente está sendo utilizado pelos falantes, e não formas abstratas que caíram em desuso ao decorrer dos anos.

Introdução

O espaço escolar e os instrumentos utilizados como suporte para o ensino de língua materna acentuam a tensão entre a norma e os usos linguísticos. É natural que nas comunidades linguísticas se busque uma padronização que, de certa forma, crie uma determinada homogeneidade em detrimento da heterogeneidade que naturalmente existe em qualquer língua (NEVES, 2010). No entanto, é necessário observar que, em grande número de casos, a mudança linguística é totalmente ignorada pela norma considerada padrão, e, conseqüentemente, cria-se um distanciamento abismal entre a norma e o uso. E os instrumentos de ensino, ao reproduzirem padrões que não são utilizados pelos falantes, passam uma visão idealizada de um sistema linguístico que não faz parte da realidade dos falantes.

Um campo em que essa tensão entre a norma e o uso é evidente é o dos pronomes pessoais. Em geral, as gramáticas escolares e os livros didáticos apresentam uma classificação dos pronomes pessoais e das flexões verbais que os acompanham que há muito caíram em desuso no vernáculo. Nesta pesquisa, pretende-se verificar como gramáticas de diferentes perspectivas tratam a questão dos pronomes pessoais, bem como verificar como falantes cultos fazem uso dos pronomes pessoais e de suas respectivas flexões verbais.

Materiais e métodos

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para se verificar o tratamento dado por três tipos de gramáticas ao uso dos pronomes pessoais e suas flexões. As gramáticas escolhidas são as seguintes:

Gramáticas escolares: Cegalla (2008); Cipro Neto e Infante (2008)

Gramáticas de filólogos: Azeredo (2008); Bechara (2002)

Gramáticas de linguistas: Castilho (2010); Neves (2011)

Na etapa seguinte, foram coletadas ocorrências de uso dos pronomes pessoais e suas respectivas flexões no corpúsculo de língua falada do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná. O corpúsculo é formado por 10 entrevistas com professores de ensino superior e por 8 aulas (6 de ensino superior e 2 de curso preparatório pré-vestibular).

Resultados e Discussão

Tabela 1. Função sintática

	N	%
CD	16	10,9
CI	117	79,6
Reflexivo	14	9,5

Na tabela 1, apresentam-se o número e a frequência de ocorrência dos pronomes pessoais nas funções de complemento direto, de complemento indireto e de reflexivo no corpúsculo. Observa-se que o complemento indireto é mais recorrente do que o complemento direto e o reflexivo, como no período “Eu vou deixar eles lá que vocês dificilmente vão achar,”. Nele, após o verbo transitivo direto “deixar”, o falante utilizou o pronome reto “eles”, que assume a função de complemento. Nesse caso, de acordo com o padrão da gramática normativa, deveria ser utilizado o pronome oblíquo “los”. No entanto, esse uso é frequente na língua vernácula.

De acordo com a norma padrão (BECHARA, 2002; CEGALLA, 2008), apenas os pronomes pessoais do caso reto podem exercer a função de sujeito da oração, e os do caso oblíquo, de complemento. No entanto, em situações reais do uso da fala, o pronome pessoal do caso reto também pode exercer o papel de complemento.

Em relação à identificação semântica, quase metade dos verbos aparecem classificados como de interação social/vocalização. Isso é justificado pela escolha do corpúsculo do trabalho, visto que foram analisadas as falas em sala de aula. Nesse contexto, é comum que haja interação entre professor/aluno, o que justifica a ocorrência em maior número nesta categoria, seguindo a classificação de Levin (1983).

Tabela 2. Classificação semântica de Levin (1993)

	N	%
Interação social/vocalização	62	42,2
Estados e ações mentais	21	14,3
Movimento causado	20	13,6
Ações fisiológicas/do corpo	9	6,1
Posse/Mudança de posse	8	5,4
Existência	7	4,8
Mudança de estado	7	4,8
Criação e mudança de identidade	5	3,4
Posição e movimento	5	3,4
Fases	3	2
Total	147	100

Conclusões

A partir da análise e da comparação das gramáticas e do corpus falado dos professores em contexto de entrevistas e aulas, conclui-se que divergências são encontradas. Apesar de algumas gramáticas citarem as variações linguísticas presentes no vernáculo, o espaço destinado a essa mudança constante da língua ainda é reduzido. Isso foi perceptível logo no início da pesquisa, quando se verificou que muitos gramáticos não relacionam a função de complemento aos pronomes pessoais do caso reto, que é recorrente no uso da língua monitorada ou não.

Ao contrastar as gramáticas entre si, é nítido que os trabalhos dos linguistas estão mais preocupados em demonstrar o funcionamento da língua nos dias atuais, evidenciando que a língua não é estanque, mas, sim heterogênea. Nelas, encontram-se ocorrências da fala do Português Brasileiro (PB) que são estabelecidas como pronomes, “você”, “a gente”, “ocê”, “ei” e “cês”.

Deste modo, entende-se que cabe aos manuais escolares de gramática descrever o que realmente está sendo utilizado pelos falantes, e não formas abstratas que caíram em desuso no decorrer dos anos. Essa mudança proporcionaria mais interesse e proximidade dos alunos em relação à gramática do PB, pois eles contemplariam a representação da língua utilizada por eles, na escrita e fala. Eles se sentiriam realmente falantes da Língua Portuguesa, e não aprendizes distanciados do conteúdo estudado.

Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.



CEGALA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. S. Paulo: IBEP, 2009.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. S. Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.